Raízes da Museologia Social e vislumbres de reconhecimento internacional [1]

Manuelina Maria Duarte Cândido[2]

Roots of Social Museology and signs of international recognition[3]

Introdução

Desde a década de 1980, agentes ligados a ecomuseus e museus comunitários criados sob a inspiração da Mesa Redonda de Santiago do Chile sobre o Papel dos Museus na América Latina (1972), têm defendido junto ao Conselho Internacional de Museus (ICOM) o reconhecimento de novos modelos museológicos. A fundação, em 1982, da associação francesa M.N.E.S. – Nova Museologia e Experimentação Social – por Évelyne Lehalle, Chantal Lombard, Alain Nicolas e William Saadé, com Hugues de Varine como presidente honorário, reflete o mesmo interesse e reivindicações.

Na Conferência Geral de Londres, em 1983, o Comitê Internacional de Museologia (ICOFOM-ICOM) recusou-se a endossar a existência de práticas alheias aos parâmetros museológicos estabelecidos (Duarte Cândido, 2003, p. 27), o que impulsionou a gênese de um movimento alternativo. No primeiro *workshop* do Movimento Internacional por uma Nova Museologia (MINOM), realizado em Quebec, em 1984, foi elaborada coletivamente a Declaração de Princípios Básicos de uma Nova Museologia[4]. Este documento afirma a necessidade de colocar em prática os ideais da Mesa Redonda de Santiago, no Chile, a importância do desenvolvimento social e da participação pública nos processos de musealização. Além disso, defende abordagens interdisciplinares e o reconhecimento das tipologias museológicas contestadas pelo ICOM[5], bem como do próprio movimento.

Para os fundadores do MINOM, as novas experiências no campo museológico precisavam enfatizar o caráter social em oposição ao colecionismo e introduzir outros aspectos do patrimônio. Os museus se abririam, para além de seus edifícios, ao ambiente natural e social[6].

---

[1] Uma versão mais detalhada deste texto está publicada em francês (Duarte Cândido, 2025).

[2] Manuelina Maria Duarte Cândido é professora de Museologia na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), colaborando também com o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás (UFG), Brasil, e com o Doutorado em Sociomuseologia da Universidade Lusófona, Portugal, onde publica a coletânea Sociomuseologia & Sociomuséologie. Foi diretora do Museu da Imagem e do Som do Ceará e do Departamento de Processos Museológicos do Instituto Brasileiro de Museus. http://orcid.org/0000-0001-9695-3807, manuelin@uol.com.br

[3] A tradução deste texto em inglês será publicada no livro *From New to Social Museology: Histories of a Movement* a ser lançada pela Routledge, ainda em 2026.

[4] Em 1989, foi publicado o livro New Museology, coletânea editada por Peter Vergo. A seleção de autores, que privilegia uma perspectiva britânica centrada em galerias e museus especializados em belas artes, não possui ligação com o movimento internacional da *Nouvelle Muséologie* nascido no Canadá. Para diferenciar, usarei a expressão em francês, a não ser no título do MINOM.

[5] Ecomuseus, museus de vizinhança, museus de território, museus comunitários, etc.

[6] No MINOM, o conceito de coleção também foi reconsiderado a partir de uma perspectiva mais ampla. Mathilde Bellaigue, documentalista do Écomusée du Creusot-Montceau, propôs o conceito de coleção operacional, a partir do qual o museu opera, sem que seja propriedade institucional (Duarte Cândido e Pappalardo, 2022).

Submitted 02/03/2025 – Approved 10/12/2025

A noção de público/visitante daria lugar à de habitantes, e a exposição seria concebida como espaço para aprendizagem ao longo da vida, em vez de experiência de contemplação. Estabeleceram-se, assim, as principais características da *Nouvelle Muséologie*.

Exemplos dessas novas práticas, comumente citados na época, incluíam o Museu Nacional do Níger, museus de vizinhança nos Estados Unidos (como o Anacostia Museum, iniciativa de John Kinard[7]), a *Casa del Museo* no México, exposições populares na Suécia, museus de arqueologia industrial no Reino Unido e os ecomuseus franceses criados sob o impulso de Georges Henri Rivière e Hugues de Varine (Duarte Cândido, 2003, p. 29).

Segundo Mário Moutinho, o reconhecimento, pela Museologia, do direito à diferença, constituiu o principal avanço da Declaração de Quebec (Moutinho *in* Araújo e Bruno, 1995, p. 29). A existência desse movimento museológico decididamente pluralista motivou a tentativa não concretizada de criação de um Comitê Internacional de Ecomuseus/Museus Comunitários no ICOM. A ruptura entre o MINOM e o ICOM naquele momento foi completa e, no segundo *workshop* realizado em Lisboa (1985), foi estabelecida a Federação Internacional da Nova Museologia, com sede no Canadá. Posteriormente, o MINOM, ainda uma organização independente, tornou-se afiliado ao ICOM, mas não constitui um comitê internacional da organização.

Baseado na ideia de um museu a serviço da sociedade, na esteira da Declaração de Santiago, o *workshop* de Quebec não acrescentou ideias ou conceitos originais. Sua contribuição fundamental residiu no engajamento com a nova realidade museológica que emergiu desde 1972. A Declaração de Quebec reforçou a natureza integradora e interdisciplinar da nova abordagem museológica e enfatizou o envolvimento das populações locais e o uso dos recursos patrimoniais como motores de seu desenvolvimento futuro. No entanto, omitiu o patrimônio imaterial, assim como a Declaração de Santiago, que já foi criticada nesse ponto por diversos autores (Mellado González, *in* Heymann, 2023).

Em trabalhos anteriores (Duarte Cândido, 2003), argumentei que a chamada *Nouvelle Muséologie* constituiu um movimento de reforma, não outra Museologia. É possível perceber abertura aos territórios, ruptura com as fronteiras espaciais do museu e com as tipologias de objetos, ampliação do patrimônio para além dos muros do museu, englobando paisagens e populações locais. Mas não há ruptura radical com as normas da Museologia e nem o engajamento social e político mais profundo manifestado na Museologia Social.

Para situar cronologicamente as origens da *Nouvelle Muséologie*, André Desvallées (1992) propõe nove momentos-chave, entre eles, a criação da M.N.E.S., a Mesa Redonda de Santiago, a gestação e anúncio público do termo ecomuseu[8], e a realização da 9ª Conferência Geral do ICOM (1971), entre Paris, Dijon e Grenoble, com o tema "O Museu a Serviço da Humanidade Hoje e Amanhã".

A menção à Mesa Redonda de Santiago na lista de Desvallées, atribuindo-lhe papel fundamental na renovação do campo museológico, é notável em uma publicação organizada fora da América Latina. Por outro lado, chama a atenção a estranha ausência de qualquer referência à criação do MINOM, embora eles mesmo fosse membro na época.

[7] Ele mesmo um participante do *workshop* de Quebec, em 1984.

[8] Hugues de Varine (2017) relata que a origem da palavra está ligada à sua observação da "situação difícil dos museus de história natural", que não conseguiam aproveitar seu potencial educativo. Sabendo de uma conferência da UNESCO sobre o meio ambiente que ocorreria em Estocolmo em 1972, ele considerou usar o tema da Conferência Geral do ICOM de 1971 para incentivar os museus a refletirem sobre seu papel em relação aos desafios ambientais, por meio do discurso de Robert Poujade, primeiro ministro francês do Meio Ambiente. No entanto, soube que o ministro não queria usar o termo "museu", para evitar ser associado a uma instituição que considerava ultrapassada. Por essa razão, e por entender que museus "sem coleções" receberiam pouco apoio financeiro do setor cultural, De Varine empreendeu o exercício de construção do novo termo aproximando museus e questões ambientais.

Um sopro de ar fresco da América Latina: museus e transformação social

A Mesa Redonda de Santiago, no Chile, é hoje considerada por muitos um movimento pioneiro de descolonização no campo da Museologia[9] (Mellado *in* Heymann, 2023, p. 23). Tal encontro sucedeu uma série de seminários regionais organizados pela UNESCO em territórios não europeus: Rio de Janeiro, 1958; Joos, Nigéria, 1964 e Nova Déli, 1966. Contudo, diferentemente desses seminários, realizados em inglês ou em francês, o encontro de Santiago adotou o espanhol como língua de trabalho. Os principais palestrantes eram latino-americanos e, como enfatizado tanto pelos participantes quanto por pesquisas subsequentes sobre o evento, seu caráter inovador residia no fato de que eles provinham de diversas áreas do conhecimento externas ao campo museal.

Tais palestras provocaram uma mudança de perspectiva entre os diretores de museus presentes, levando-os a considerar o contexto socioeconômico em que suas instituições estavam inseridas. Da Declaração de Santiago para a de Quebec, mantêm-se a afirmação da natureza interdisciplinar da Museologia e o conceito de museu integrado. O mesmo não se pode dizer dos usos sociais do patrimônio e da responsabilidade política dos profissionais de museus. Ocorre, entre as duas declarações, uma despolitização do conteúdo. Esta seria a principal distinção entre a *Nouvelle Muséologie* e a Museologia Social, que emergiu gradualmente em Portugal e no Brasil na década de 1990 e ganhou força expressiva neste país latino-americano, particularmente a partir de meados dos anos 2000. Essa distinção já se fazia ouvir no discurso de alguns atores dentro desses movimentos:

"O trabalho comunitário, incluindo a museologia comunitária, é um trabalho altamente político, e isso não se encaixa necessariamente no sentido da política das autoridades, das outras autoridades. (…) Creio que é preciso sempre conservarmos no espítiro que o trabalho que fazemos com as comunidades, o trabalho que as comunidades fazem sobre elas mesmas, é um trabalho político sentido como delinquente e subversivo pelas autoridades, e que portanto há um conflito permanente, aberto, frio ou acalorado, entre o trabalho comunitário e a autoridade política." (Hugues de Varine *in* Secretaria Municipal de Saúde, Turismo e Esporte do Rio de Janeiro, 1992, p. 326).

A realização do primeiro Encontro Internacional de Ecomuseus, evento paralelo da ECO-92 no Rio de Janeiro[10], constituiu um importante ponto de virada. Nessa ocasião, atores portugueses envolvidos no MINOM, como Mário Moutinho e Manuela Carrasco[11], reuniram-se com professores brasileiros que participariam do núcleo inicial da formação em Museologia na Universidade Lusófona de Lisboa, como Maria Célia Santos e Mário Chagas (Duarte Cândido e Ruoso, 2020). O encontro contou ainda com figuras-chave no desenvolvimento dos ecomuseus no Brasil, como Fernanda de Camargo-Moro, e na inovação em práticas e pensamento museológicos e patrimoniais, como Lourdes Rego Novaes e Ulpiano Bezerra de Menezes, sem mencionar Hugues de Varine, figura fundamental na renovação dos museus na Europa e no Brasil. Os anais da conferência (Secretaria…, 1992) constituem um documento valioso, reproduzindo não apenas o programa e os textos dos palestrantes, mas também os debates.

---

[9] A UNESCO confiou a Hugues de Varine, então diretor do ICOM, a organização direta do evento. Vê-se ali sua marca, de quem afirmara que o museu deve ser culturalmente descolonizado (De Varine-Bohan, 1969 *in* Desvallées, 1992, p. 58).

[10] A Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro em 1992, também é conhecida como ECO-92 e Cúpula da Terra. O primeiro evento ambiental global havia sido organizado em Estocolmo (1972), e estimulou Hugues de Varine inventar o termo ecomuseu, anunciado na Conferência Geral do ICOM de 1971 (De Varine, 2017, p. 27). É interessante observar a conexão entre as duas cúpulas do clima e contemporaneidade do surgimento dos ecomuseus na França e no Brasil.

[11] Foi em Portugal que o recém-criado MINOM fincou raízes mais firmemente, com a formalização, em 1985, da Associação MINOM-Portugal. Sua assembleia fundadora foi preparada por De Varine (Comunicação pessoal, e-mail de 21/11/2023), que residia então em Lisboa. Há várias décadas que Portugal é reconhecido como o país da Europa em que novas tipologias museológicas, como os museus territoriais e os ecomuseus, desempenharam "o papel mais extraordinário no desenvolvimento local e comunitário" (Hugues de Varine, Secretaria..., 1992, p. 280).

O termo Museologia Social é utilizado desde 1993 em publicações (Moutinho, 1993) e no título do curso de especialização criado na Universidade Lusófona. Gradualmente, no Departamento de Museologia desta universidade, o termo Sociomuseologia começou a ser usado com mais frequência e, hoje, nomeia esta escola de pensamento. A introdução dessa nova terminologia logo após a reunião entre brasileiros e portugueses no Encontro Internacional de Ecomuseus de 1992 não foi acidental, como afirma Mário Moutinho que, sem o Brasil, a Museologia Social e a Sociomuseologia não existiriam (Neu, 2024, p. 66).

Mas o que havia de tão novo nesse encontro para motivar uma passagem da *Nouvelle Muséologie* para a Museologia Social? É imprescindível mencionar o papel de Odalice Priosti, professora de francês no bairro de Santa Cruz (Rio de Janeiro), juntamente com outros membros da Associação de Moradores que criaram o Centro de Orientação e Pesquisa Histórica Local - NOPH (1983), uma iniciativa que incluía um jornal de bairro e um arquivo local. No primeiro Encontro Internacional de Ecomuseus, esses atores reconheceram em suas ações no NOPH uma forma de Ecomuseologia e Museologia Comunitária, o que os levou a criar, no local de antigos matadouros desativados, o Ecomuseu do Bairro Cultural Matadouro de Santa Cruz (Silva, 2013). Diferentemente de outros ecomuseus ou museus comunitários emblemáticos da *Nouvelle Muséologie*, que surgiram pelo estímulo de indivíduos ou instituições ligadas ao setor museológico ou patrimonial (como o Ecomuseu Creusot-Montceau, o Neighborhood Museum em Anacostia, a *Casa Museo* no México ou a Vila-Museu de Mértola em Portugal), o Ecomuseu de Santa Cruz nasceu do autoreconhecimento de uma iniciativa de memória comunitária já existente como processo ecomuseológico. Trata-se da iniciativa popular em toda a sua potência: a descoberta do museu como instrumento de luta por pessoas que não pertencem a esse meio, que buscam se capacitar ou se apropriar do conhecimento que circula no campo da Museologia, filtrando o que lhes pode ser útil, o que lhes convém e fortalece sua experiência, ao mesmo tempo subvertendo normas e imposições indesejáveis.

Nessa trajetória de autoeducação e empoderamento, as iniciativas de Museologia Social no Brasil frequentemente buscam estreitar laços com instituições locais ou universidades em busca de suporte técnico ou parcerias. No entanto, com o advento das mídias sociais, elas agora se fortalecem em redes informais, criando seus próprios fóruns de discussão, trocando experiências e apoio mútuo, organizando seu ativismo e expressando suas demandas.

A própria Odalice Priosti foi fundamental na criação de uma das redes mais antigas e bem estruturadas da Museologia Social brasileira, legalmente constituída como Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários (ABREMC). Hoje, inúmeras outras redes enriquecem a Museologia Social em todo o país. A ABREMC organizou cinco edições do Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários — EIEMC, e uniu forças com a Rede Italiana de Ecomuseus para organizar o Fórum de Ecomuseus e Museus Comunitários, evento paralelo à Conferência Geral do ICOM em Milão, em 2016. Ainda no âmbito das redes, é importante mencionar a criação de uma rede de museus comunitários nas Américas (2000), liderada por Teresa Morales e Cuauhtémoc Camarena Ocampo, do México.

Acionando uma multiplicidade de conceitos

Maria Magdalena Neu (2024, p. 128) procurou esclarecer a discussão epistemológica, traçando paralelos entre Ecomuseologia e Museologia Social, por um lado, e entre *Nouvelle Muséologie* e Sociomuseologia, por outro. Segundo ela, os dois primeiros termos podem ser entendidos como descrições de processos museológicos (acompanhadas de reflexões empíricas), e os dois últimos como escolas de pensamento. A *Nouvelle Muséologie* tem raízes na França nos anos 1970 e 1980, enquanto a Museologia Social foi viabilizada por políticas públicas

implementadas na América do Sul[12] e se institucionalizou como escola de pensamento e campo acadêmico em Portugal, onde acabou adotando o nome de Sociomuseologia[13].

Segundo Chagas e Gouveia (2014), a necessidade de adotar um novo conceito que transcenda a *Nouvelle Muséologie* decorreu do esvaziamento da expressão, que acabou absorvida pela Museologia normativa. Um exemplo emblemático é a equiparação de ecomuseus e museus de sociedade em uma única categoria museológica na França, impondo aos ecomuseus padrões que distorceram seu propósito original, como a nova exigência de possuírem coleções institucionais[14]. De Varine denunciou insistentemente o impacto negativo dessa mudança sobre os ecomuseus, que em grande parte desmantelou seu potencial. Contudo, em paralelo à consolidação de termos como Sociomuseologia e Museologia Social, o termo *Nouvelle Muséologie* continua sendo utilizado por alguns atores do campo, ainda que em tom crítico (Santos e Primo, 2010).

Chagas e Gouveia caracterizam a Museologia Social como:

"(...) comprometida com a redução das injustiças e desigualdades sociais; com o combate aos preconceitos; com a melhoria da qualidade de vida coletiva; com o fortalecimento da dignidade e da coesão social; com a ulização do poder da memória, do patrimônio e do museu em favor das comunidades populares (…)" (Chagas e Gouveia, 2014, p. 17).

Essas comunidades, entendidas como grupos que compartilham valores e referências culturais, às vezes um território (mas não necessariamente, como é o caso da comunidade LGBTQIAP+), tornam-se protagonistas das iniciativas museológicas, a serviço das quais profissionais da área se colocam como trabalhadores sociais (Rússio, 1983, *apud* Bruno, 2010). Vale lembrar, a esse respeito, que Waldisa Rússio sempre insistiu que o trabalhador social deveria ser concebido "no sentido que lhe foi dado por Florestan Fernandes e Paulo Freire: não exclusivamente aquele que exerce a função de assistente social, mas aquele que trabalha conscientemente com o social, colaborando com a mudança" (Rússio, 1983 *apud* Bruno, 2010, p. 153).

A Museologia Social reconhece o poder dos museus para realçar a existência de grupos sociais historicamente marginalizados e valorizar suas memórias como instrumentos de empoderamento. Suas bases residem no conhecimento compartilhado, na produção de memórias e narrativas em primeira pessoa por grupos socialmente vulneráveis, numa perspectiva libertária e decolonial e no compromisso com o combate às injustiças e desigualdades sociais. Trata-se de uma Museologia engajada que vê o museu como um instrumento de transformação social.

No que diz respeito às metodologias adotadas, muitas iniciativas realizam inventários participativos do patrimônio no seu sentido mais amplo e organizam grupos de discussão centrados na memória e na preservação das práticas tradicionais. São produzidas exposições e publicações em vários formatos para divulgar o patrimônio e as atividades. Frequentemente, são criadas e catalogadas coleções, embora este não seja o objetivo principal. O trabalho geralmente é realizado por voluntários da comunidade, que muitas vezes só se reconhecem como atores-chave no processo de musealização posteriormente, e ocasionalmente buscam apoio técnico de uma instituição museológica ou universidade para capacitação. No entanto, é principalmente

[12] Mais especificamente, a partir dos anos 2000, mas com raízes em iniciativas empreendidas no início da década de 1990, e inspirada tanto pela *Nouvelle Muséologie* quanto pelo pensamento de figuras como Waldisa Rússio, Paulo Freire e Hugues de Varine.

[13] Progressivamente a partir de 1993, e, de forma mais ampla, a partir dos anos 2000.

[14] O tema das coleções operacionais foi introduzido por Bellaigue e testado no Ecomuseu Creusot-Montceau. Influenciou muitos brasileiros ao ser apresentado por ela em eventos e cursos ministrados no Brasil, mas, infelizmente, foi objeto de poucas publicações (ver, no entanto, Bellaigue, 1987). A relevância de continuar a pensar as coleções museológicas de forma mais ampla, incluindo bens tangíveis e intangíveis, tanto dentro quanto fora dos "muros" do museu, continua a aparecer esporadicamente na literatura (Duarte Cândido e Pappalardo, 2022). Demoulian (2020) propõe o conceito de coleções ecomuseais, mas cabe ressaltar que a criação de coleções operacionais não é exclusiva dos ecomuseus, existindo também em museus comunitários e de território.

por meio da organização em rede que ocorre o compartilhamento de conhecimento, o apoio mútuo e a ampliação do repertório de soluções para as dificuldades encontradas.

Embora a Museologia Social tenha surgido no Brasil e em Portugal nos contextos da democratização pós-ditatorial, apresentou nuances distintas em cada um desses lugares — como a resistência ao abandono de áreas rurais em Portugal e as demandas por representatividade e a luta pela terra pelos movimentos sociais brasileiros. Hoje é também difundida nos países de língua espanhola de ambos os lados do Atlântico. A sua influência estende-se agora para além da Península Ibérica. A realização da 21.ª Conferência do MINOM em Catânia, Itália, em 2024, marcou o 40.º aniversário deste Movimento e testemunha a força com que a Itália abraçou a Ecomuseologia e, posteriormente, a Museologia Social, mas também o interesse de participantes de mais de 15 países. A Conferência, intitulada "Repensando a Museologia para a Mudança: Alianças Transdisciplinares para Sociedades Mais Justas", recebeu mais de 200 propostas de comunicação, nas quais sublinho a quase total ausência da expressão *Nouvelle Muséologie*, substituída em todas as cinco línguas de trabalho, por Museologia Social ou por Altermuseologia, Museologia Popular, Sociomuseologia, Ecomuseologia, Contra-Museologia, Museologia Engajada e Museologia Decolonial, entre outras.

Museologia Social em Tempos de Ameaças Planetárias

Mais recentemente, têm aparecido outras diferenças entre a *Nouvelle Muséologie* e a Museologia Social, como a superação das formas tradicionais de interdisciplinaridade pelas abordagens interculturais que incorporam conhecimentos e epistemologias de contextos não acadêmicos e comunidades tradicionais, bem como abordagens não convencionais da Museologia que resistem ao confinamento às disciplinas acadêmicas existentes.

Esta Museologia transgressora, insurgente e anticolonial reflete um interesse pelo conhecimento ancestral desenvolvido fora das estruturas da modernidade ocidental, como as filosofias do Ubuntu[15] e do Buen Vivir[16]. Após uma pandemia e lidando com as consequências de guerras e da crise climática em meio ao advento do Antropoceno ou Wasteoceno (Armiero, 2023), tornou-se urgente dar ouvidos aos alertas emitidos por populações que mantêm formas de (re)existência e coexistência com a natureza menos autodestrutuvos, divergindo dos modelos hegemônicos.

Vale ressaltar que, embora a *Nouvelle Muséologie* e a Museologia Social[17] tenham estimulado a criação de novos museus por meio de processos participativos e iniciativas comunitárias, ambas também contribuem para a renovação dos museus tradicionais. Porém, as

[15] Um pensamento africano de origem bantu, cujo nome pode ser traduzido como "Eu sou porque nós somos", evocando um significado mais amplo de humanidade.

[16] Uma utopia ameríndia baseada na igualdade de gênero, reciprocidade nas relações de trabalho, autonomia, cuidado com a natureza e interculturalidade como modelo para o diálogo do conhecimento (Pimentel, 2014, p. 11).

[17] O termo Sociomuseologia é mais comumente utilizado nos trabalhos da Universidade Lusófona, o que leva à necessidade de diferenciá-la dos demais termos. Segundo Paula Assunção, a Sociomuseologia é fruto da maturação da *Nouvelle Muséologie* (Santos in Santos e Primo, 2010, p. 8). Mário Moutinho e Judite Primo, por sua vez, afirmam que, "No Brasil os termos Sociomuseologia e Museologia Social são usados com o mesmo significado. No entanto julgamos que é mais correto reconhecer a Museologia Social como a prática da Museologia de inspiração comunitária, nas suas diversas formas. Quanto à Sociomuseologia, trata-se de reconhecer uma nova área disciplinar que visa esclarecer e, de certa forma, impulsionar novos fazeres museológicos ao serviço do desenvolvimento" (Moutinho e Primo, 2020, p. 26). Maria Magdalena Neu também contribui para esse esclarecimento terminológico: "Há um debate muito vivo no campo da Sociomuseologia a respeito do uso do termo Museologia Social como sinônimo de Sociomuseologia por representantes muito influentes dessa corrente de pensamento – especialmente no Brasil. Mario Chagas e Inês Gouveia chegam a afirmar que separar a teoria da prática seria uma ação colonialista (Chagas & Gouveia, 2014, p. 9-22). Considerando mais especificamente a afirmação da Sociomuseologia e seus representantes de que a parte prática da disciplina reside na América do Sul e a parte teórica na Europa, seu argumento parece razoável e o desconforto bastante compreensível. Eu também perceberia uma dimensão colonialista nisso. Como contra-argumento, gostaria de enfatizar que a Sociomuseologia não busca, de forma alguma, apropriar-se do conhecimento e das ideias das práticas sul-americanas e vendê-las como suas, mas sim reunir pessoas que estudam — ou trabalham — não apenas em instituições de Museologia Social, mas também em todas as formas de estabelecimentos de Museologia comunitária, dialógica e pública." (Neu, 2024, p. 64, tradução minha).

estratégias participativas não devem se limitar a ações superficiais ligadas a eventos e exposições temporárias, que caracterizam o museu predatório (Singer, s.d.). É necessário repensar os aspectos mais estabelecidos e hierárquicos do trabalho museológico, como o desenvolvimento de acervos e a tomada de decisões de gestão. Um exemplo disso é a integração, ao acervo do Museu Histórico Nacional (MHN) do Rio de Janeiro, de restos de demolição coletados pelo Museu das Remoções, museu comunitário ligado à resistência contra a especulação imobiliária na área da Vila Autódromo[18]. Este museu de percurso, criado por um grupo de moradores que resistia à destruição de seu bairro, valoriza ruínas deixadas pelas remoções forçadas e as memórias dos moradores. Embora institucionalmente estabelecido, com um programa museológico e atendendo aos requisitos legais de um museu brasileiro, ele não possui instalações de armazenamento. A parceria com o MHN possibilitou a doação de artefatos a este museu nacional, atualizando as coleções de fragmentos arquitetônicos coletados em outro contexto de remoções e remodelação da então capital brasileira, no final do século XIX. A colaboração entre o Museu das Remoções e o Museu Histórico Nacional contribuiu, portanto, para a introdução de itens na coleção deste último, estimulando a reflexão sobre as relações entre as formas atuais e passadas de gentrificação na cidade do Rio de Janeiro.

Historicamente, a relação entre museus e sociedade em tempos de crise também tem sido um catalisador para a inovação. Assim, se o museu pode tanto matar quanto fazer viver (De Varine, 1979 *in* Desvallés, 1994), e se "uma Museologia que serve para a vida é uma Museologia que não serve para nada" (Declaração de Córdoba, MINOM, 2017), em tempos de pandemia, crise climática e guerras, o alerta é oportuno: os museus do futuro devem ser biofílicos, não necrófilos, como foram no passado[19]. Desta forma, o Museu da República, no Rio de Janeiro, tornou-se um centro de vacinação contra a Covid-19. A decisão teve raízes na Museologia Social e nas repercussões da Conferência da Mesa Redonda de Santiago, enfatizando a função social dos museus (Chagas, Gonçalves e Vassalo *in* Heymann, 2023, p. 194).

Essas práticas certamente surpreendem aqueles que aderem a uma Museologia tradicional, ligada à função de conservação dos museus. É precisamente este o debate entre Museologia biófila e necrófila. Enquanto esta última se baseia na preservação de coleções de objetos que são claramente mais valorizados com a desaparição das comunidades de origem, considerar a preservação da vida como o maior patrimônio (Duarte Cândido *et alli*, 2021) exige uma lógica e uma ética diferentes.

Entretanto, foi somente em 2015 que a função social dos museus, debatida na Mesa Redonda de Santiago, foi incorporada a um documento normativo da UNESCO. A aprovação, naquele ano, da Recomendação Sobre a Proteção e Promoção dos Museus e Coleções, sua Diversidade e seu Papel na Sociedade, deve-se em grande parte aos esforços do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) e da diplomacia brasileira (Duarte Cândido, 2016). Isso demonstra o reconhecimento internacional de novas formas de pensar e praticar os museus, que culmina com a criação, em 2023, do Comitê de Museologia Social (SOMUS-ICOM).

Considerações Finais

A transição da *Nouvelle Muséologi*e para a Museologia Social, além de não ocorrer de forma linear, envolve uma dimensão geopolítica ao incluir uma transferência de poder de atores francófonos a um protagonismo lusófono na liderança das museologias alternativas.

A predominância, nas últimas três décadas, de atores unidos pela língua portuguesa no Movimento Internacional por uma Nova Museologia e, posteriormente, na Museologia Social, que hoje domina o MINOM, levou os não falantes de português a acreditarem que esse Movimento se dissolveu. Com algumas raras exceções, como Pierre Mayrand e Hugues de

[18] Um bairro que sofreu despejos violentos de seus moradores no contexto da construção da Vila Olímpica para os Jogos do Rio de 2016 (Hernández, 2022).

[19] Autores como Chagas e De Varine abordaram o tema dos museus biófilos e necrófilos. Revisitei esta questão no texto *The future of Museology is social* (Duarte Cândido, 2023).

Varine, que cultivaram laços profundos com portugueses e brasileiros atuantes nesse campo, o desenvolvimento do MINOM foi acompanhado apenas marginalmente por seus fundadores, que não produziram nem militam no campo da Museologia Social[20]. Além disso, poucas estratégias foram implementadas para superar as barreiras linguísticas (Duarte Cândido, 2003; Neu, 2024). A Museologia Social tem se expressado principalmente em português e, em menor grau, em espanhol. Mesmo que o português também tenha sido uma língua colonial, recorrer a línguas mais hegemônicas como o inglês ou mesmo o francês para garantir uma maior disseminação internacional não seria uma decisão trivial. Adotar uma dessas duas línguas excluiria atores ligados aos movimentos sociais brasileiros, que têm sido fundamentais para o desenvolvimento da Museologia Social. Como alcançar a internacionalização sem exclusão e sem sobrecarregar exponencialmente os orçamentos com traduções? Por outro lado, dados recentes dão conta de que 65% dos francófonos moram na África, assim como outro tanto dos anglófonos.

Entre as iniciativas para construir pontes, para tirar a Museologia Social do ambiente vibrante que a caracteriza, mas que também contribui para o seu isolamento, devo mencionar a que Paula Assunção, então trabalhando na Reinwardt Academy, organizou a conferência MINOM de 2010 em Amsterdã. A Universidade Lusófona, por sua vez, desenvolve uma política editorial que implica a publicação de textos recebidos em seu idioma original, incluindo inglês e francês. Além disso, entre 2007 e 2010, sob o título *Sociomuseology*, foi publicada uma série de quatro volumes com traduções para o inglês dos textos fundamentais para a compreensão da Sociomuseologia. Mais recentemente, a atuação de Bruno Brulon no ICOM, como presidente do Comitê Internacional de Museologia (ICOFOM) por dois mandatos, co-presidente do ICOM-Define[21] e atualmente do SOMUS, proporcionou uma plataforma global para a disseminação das produções de Museologia Social da América Latina para novos públicos.

O MINOM-Portugal também desempenha um papel fundamental nos movimentos de renovação da Museologia na Europa e em outros lugares. Fundado em 1985, seu trabalho rigoroso, contínuo e dinâmico inspirou a criação do MINOM-Espanha e do MINOM-México. Ele publica e divulga seus trabalhos internacionalmente, ocupa posições importantes no ICOM e permanece ativo no setor museológico dentro e fora de Portugal. Assim, embora seu trabalho utilize principalmente a língua portuguesa, o MINOM-Portugal desempenha um papel fundamental na superação das barreiras linguísticas.

Após a criação do SOMUS-ICOM, a divulgação e a aplicação dos princípios da Museologia Social atingiram um novo patamar, mas também suscitam novos desafios: como navegar pelas estruturas impostas por esta poderosa organização? Qual o novo papel do MINOM após a aceitação da Museologia Social no ICOM? Talvez lhe seja imprescindível reivindicar seu papel vanguardista e provocativo, e servir como um espaço acolhedor para aqueles envolvidos na Museologia Social que não desejam se filiar ao ICOM ou que não são aceitos por ele. A Museologia Social ocupa agora um espaço institucional muito relevante. O desafio é usá-lo como plataforma para impulsionar uma renovação profunda dos museus tradicionais. E para que continue sendo uma força de oposição às museologias normativas, o MINOM deve continuar a oferecer, também em um contexto internacional, espaços acolhedores para formatos museológicos inovadores e para processos de musealização que não necessariamente aspirem a se tornar museus. A Museologia Social, no SOMUS-ICOM e no MINOM, deve ser uma espécie de farol para o ICOM, destacando a necessidade de políticas mais inclusivas e plurais.

[20] Ao se referir a um possível ecomuseu militante, Mayrand (1996, p. 92) pareceu abrir uma transição entre a *Nouvelle Muséologie* e a Museologia Social.

[21] Este Comitê, responsável por coordenar as discussões para a adoção de uma nova definição de museus no ICOM em 2022, tinha como co-presidente Lauran Bonilla-Merchav, também latinoamericana (Costa Rica). Assim como Brulon, ela apoiou criação do SOMUS-ICOM.

Referências

Araújo, M. M., & Bruno, C. (Orgs.). (1995). *A memória do pensamento museológico brasileiro: documentos e depoimentos* (p. 26-29). Comitê Brasileiro do ICOM.

Armiero, M. (2023). *Wasteoceno — la era de los residuos*. Madrid: Catarata.

Bellaigue, M. (1987). Museology and the 'integrated museum.' *Museology and museums*. In *ICOFOM Study Series, 12*, 59-62.

Chagas, M. (2021). Le Mouvement International pour une nouvelle Muséologie et la Déclaration de Córdoba — Argentine. *Les Cahiers de Muséologie* [En ligne], (1), 175-178. https://popups.uliege.be/2406-7202/index.php?id=888

Chagas, M., & Gouveia, I. (2014). Museologia social: reflexões e práticas (à guisa de apresentação). In Chagas, M., & Gouveia, I. (Orgs.), *Museologia Social, Cadernos do CEOM, 27*(41), 9-22. https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/issue/view/168

Demoulian, A. (2020). *La collection écomuséale, propriété morale de l'écomusée et de sa communauté*. Mulhouse: Université de Haute Alsace. (Master Thesis in Museology).

De Varine, H. (2017). *Écomusée singulier et pluriel — Un témoignage sur cinquante ans de muséologie communautaire dans le monde*. Paris: Harmattan.

Desvallées, A. (1994). *Vagues : une anthologie de la nouvelle muséologie* (Vol. 2). Paris: W. M. N. E. S.

Desvallées, A. (1992). *Vagues : une anthologie de la nouvelle muséologie* (Vol. 1). Paris: W. M. N. E. S.

Duarte Cândido, Manuelina Maria. (2025). De la nouvelle muséologie à la muséologie sociale : les enjeux posés par une transition et sa reconnaissance internationale. In: Capanema, Silvia; Ruoso, Carolina; Duarte Cândido, Manuelina Maria (dirs.). *La muséologie sociale et le patrimoine populaire en dialogue* : perspectives Brésil-France. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas. p. 45-70. (Collection Sociomuseology & Sociomuséologie, 5) https://hdl.handle.net/2268/333285

Duarte Cândido, M. M. (2023). The future of Museology is social. In Yağci, R., Keser-Kayaalp, E., Teoman, B., & Öztopçu, Ö. (Eds.), *Chasing the new in Museum Studies/ Müzecilikte Yeni'nin Peşinde* (pp. 27-41). İzmir: Dokuz Eylül University Press. https://hdl.handle.net/2268/301683

Duarte Cândido, M. M. (2016). A Recomendação da UNESCO para a Proteção e Promoção de Museus e Coleções. *Revista Musas, 7*, 274-276. https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/01/Musas-7.pdf

Duarte Cândido, M. M. (2003). *Ondas do Pensamento Museológico Brasileiro*. Lisboa: ULHT. (Cadernos de Sociomuseologia, 20).

Duarte Cândido, M. M., & Pappalardo, G. (2022). Reflections for reframing the taboos of collections. In Weiser, M. E., Bertin, M., & Leshchenko, A. (Eds.), *Taboos in Museology: Difficult issues for museum theory* (pp. 31-55). Paris: ICOFOM/ICOM. https://orbi.uliege.be/handle/2268/293817

Duarte Cândido, M. M., Vial, A. D., Entratice, H. G., Andrade, R. S. G., & Lima, N. C. (2021). Social Museology and the Health Action Iny Karajá. *ICOFOM Studies Series – Museology in Tribal Contexts, 49*(1), 77-90. http://hdl.handle.net/2268/263032

Duarte Cândido, M. M., & Ruoso, C. (2020). Museologia no Brasil e em Portugal: alguns atores e ideias em circulação. In Primo, J., & Moutinho, M. (Eds.), *Introdução à Sociomuseologia* (pp. 193-214). Lisboa: ULHT.

Heymann, L. (2023). *50 anos da Mesa Redonda de Santiago do Chile (1972-2022): novos olhares sobre os museus*. São Paulo: Hucitec.

Mayrand, P. (1993). Pour une formation muséologique contextualisée à réinventer en permanence. In Moutinho, M. (Dir.), *ICTOP. 26th Annual Conference. International Committee for the Training of Personnel* . Lisboa: ULHT. (Cadernos de Sociomuseologia, 6). https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/268

Mouvement international pour une Nouvelle Muséologie [MINOM]. (2017). Déclaration de Córdoba : XVIII Conférence internationale du MINOM. *Les Cahiers de Muséologie, 1*, 179-182. https://popups.uliege.be/2406-7202/index.php?id=900

Moutinho, M. (1993). Sobre o conceito de Museologia Social. In *Cadernos de Sociomuseologia, 1*. Lisboa: ULHT.

Moutinho, M. (2015). Definição evolutiva de Sociomuseologia: proposta para reflexão. *Revista Cadernos do Ceom*, 423-427.

Moutinho, M. (1995). Comentários de Mário Canova Moutinho. In Araújo, M. M., & Bruno, C. (Orgs.), *A memória do pensamento museológico brasileiro: documentos e depoimentos* (pp. 26-29). Comitê Brasileiro do ICOM.

Moutinho, M., & Primo, J. (2020). *Introdução à Sociomuseologia*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. https://www.museologia-portugal.net/files/introducao_sociomuseologia_10.07.2020.pdf

Neu, M. M. (2024). *A guide through Sociomuseology: roots and practices*. Lisboa: Universidade Lusófona. (Collection Sociomuseology & Sociomuséologie, 2).

Pimentel, B. M. (Coord.). (2014). *Buen vivir y descolonialidad. Crítica al desarrollo y la racionalidad instrumentales*. México: UNAM, Instituto de Investigaciones Económicas.

Rússio, W. (1983). Sistema da Museologia. In Bruno, M. C. O. (Org.), *Waldisa Rússio Camargo Guarniéri – textos e contextos de uma trajetória profissional* (Vol. 1, pp. 127-136). São Paulo: ICOM Brasil.

Santos, P. A. dos, & Primo, J. dos S. (Eds.). (2010). *To understand New Museology in the XXI century*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas. (Cadernos de Sociologia, 37).

Secretaria Municipal de Saúde, Turismo e Esporte do Rio de Janeiro. (1992). *Anais 1º Encontro Internacional de Ecomuseus*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Saúde, Turismo e Esporte, Printel. http://www.ecomuseusantacruz.com.br/uploads/Publicacoes/2ece5a6517156e122e93f10a8898cf4d.pdf

Silva, C. F. da. (2013). *Do NOPH ao Ecomuseu de Santa Cruz: representações no jornal NOPH (1983-1990) e no jornal O Quarteirão (1993-2000)*. Porto Alegre: Faculdade de Educação, UFRGS. (Dissertação de mestrado em Educação). https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/70602/000877772.pdf

Singer, I. (2021). Museums as Predators. *American Perceptionalism*. https://itsallhowyourememberit.wordpress.com/2021/11/29/museums-are-predators/

Stofell Fernandes, A. M. (2005). *Um núcleo documental para o estudo do MINOM*. Lisboa: Universidade Lusófona. (Dissertação de mestrado em Museologia).